



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de novembro de 2022



Manoel Clemente: uma trajetória com a fotografia fixa¹

Matheus Andrade²
Universidade Federal da Paraíba

Resumo

O presente texto é um apanhado sobre a trajetória do fotógrafo paraibano Manoel Clemente em seu legado com a fotografia fixa. O trabalho consiste numa pesquisa documental e bibliográfica feita para narrar esse percurso, desde a iniciação como fotógrafo à sua aposentadoria como docente. Além de um resgate de memórias, o resultado obtido pode ser tomado, também, como uma lição acerca da profissão de fotógrafo.

Palavras-chave: fotografia; Manoel Clemente; Paraíba; cinematografia.

Introdução

Antes de tudo, três esclarecimentos devem ser feitos a respeito do título deste texto.

Primeiramente, destacamos que Manuel Clemente, escrito com “u”, é a forma ortográfica como o fotógrafo aparece creditado em boa parte dos seus trabalhos cinematográficos, bem como em algumas das publicações sobre ele, inclusive aqui citadas. Não sabemos se é o nome artístico ou um descuido recorrente na escrita. Vimos que seu nome de batismo é com a letra “o”, isto é, Manoel, como se encontra nos documentos oficiais e em alguns dos seus trabalhos. Destarte, optamos por utilizar “Manoel” neste texto.

Em seguida, adotamos o termo “fotografia fixa” na intenção de fazer um paradoxo ao termo “fotografia em movimento”, cientes de que uma parcela significativa da memória do nosso personagem está ligada à experiência como

¹ Trabalho apresentado no GT1 – Fotografia documental.

² Professor doutor da área de cinematografia do curso de Cinema e Audiovisual da UFPB, e-mail: theujp1@gmail.com



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de novembro de 2022



diretor de fotografia no cinema paraibano, como abordamos anteriormente em outro trabalho (ANDRADE, FALCONE, 2020). Também não recorremos à expressão “fotografia still” por entendê-la a partir da sua ligação com o campo do cinema, tida como a fotografia de cena. Nosso intuito, portanto, não é formular um conceito, e sim demarcar o percurso que nos interessa sobre ele nesse estudo.

E, em terceiro lugar, ressaltamos a expressão “uma trajetória” por se tratar de um recorte feito a partir do levantamento de dados encontrados nos mais distintos tipos de documento. A princípio, acreditávamos que uma entrevista com o personagem seria imprescindível. Mas ele não concede entrevistas. Mesmo assim, julgamos importante produzir este apanhado de recordações com base nos dados que coletamos, sobretudo diante da hipótese dessa trajetória mergulhar num esquecimento profundo.

Dito tudo isso, este texto é uma abordagem da trajetória de Manoel Clemente com a fotografia fixa, um resgate de memórias desse fotógrafo paraibano em seu legado, feito com a finalidade de narrar esse percurso poucas vezes narrado na história da fotografia na Paraíba. Trata-se de uma pesquisa documental e bibliográfica, fruto de um exercício investigativo, analítico e interpretativo de cruzamento de dados diversos e dispersos com o intuito de jogar uma luz sobre essa história. Afinal, “(...) algumas pesquisas elaboradas a partir de documentos são importantes não porque respondem definitivamente a um problema, mas porque proporcionam melhor visão desse problema” (RAMPAZZO, 2002, p. 52). Nesse caso, nosso objetivo é proporcionar uma melhor visão sobre o itinerário do referido fotógrafo.

Organizamos o texto em três fases dessa trajetória do fotógrafo: o aprendiz, o profissional e o professor. Estas vivências nos interessam não apenas como uma ação historiográfica, mas também para melhor entendermos os caminhos e os fatos que o levaram ao ofício da fotografia e, mais precisamente, da cinematografia, atividade de maior projeção dele e temática que permeia nossos interesses de pesquisa.



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de novembro de 2022



O aprendiz de fotógrafo

Nos anos de 1940, a fotografia já era uma atividade consolidada na Paraíba. Fotos feitas desde o começo do século XX e disponibilizadas atualmente na internet³ dão uma dimensão de como a imagem fotográfica compunha aquele cotidiano.

Na década seguinte, dois fenômenos fotográficos eclodiram na capital paraibana: “o movimento fotoclubista e o surgimento dos primeiros repórteres fotográficos como entendemos hoje” (LIRA, 1997, p. 180), decorrentes dos anseios dos fotógrafos hobbystas que buscavam se reunir com a finalidade de trocar ideias sobre fotografia e da demanda de trabalho dos jornais impressos no Estado, pois, na década de 1950, além do estatal *A União*, houve a retomada de *O Norte* e a criação do *Correio da Paraíba*.

É nesse contexto que nosso foco se ajusta para observar o início do percurso do fotógrafo paraibano Manoel Clemente, em sua atuação com a fotografia fixa.

Manoel Clemente da Penha nasceu em 17 de março de 1933, em João Pessoa, capital do Estado, e não tardou a conhecer o universo da fotografia. Ao explicar sobre a origem de sua ligação com temática rural⁴, ele também relata sobre seus primeiros passos como aspirante a fotógrafo:

(...) posso dizer que essa afeição [temática] já existia desde os primeiros contatos com o exercício da fotografia, quando ainda garoto acompanhava como auxiliar do renomado fotógrafo Gilberto Stuckert, nas viagens ao interior do Estado da Paraíba, para fotografar as áreas de produção agrícola do Ministério da Agricultura (PENHA, 1998, p. 31).

A família Stuckert é reconhecida na história da fotografia na Paraíba pelo legado hereditário iniciado por Eduard, no começo dos anos 1900, tendo, por

³ Os perfis @jampadasantigas e @historiasdejampa do Instagram e a seção “João Pessoa Antigo - Fotos” do cidady.blogspot.com.br disponibilizam online um acervo significativo de imagens fotográficas dessa época.

⁴ O tema é muito caro ao conjunto da obra por ele desenvolvida no cinema, como diretor de fotografia, diretor e pesquisador.



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de novembro de 2022



gerações, familiares exercendo a profissão Brasil afora até os dias atuais⁵. Destaca-se, também, pelo acervo de imagens fotográficas da cidade de João Pessoa feitas na primeira metade do século XX. Muitas delas assinadas por Gilberto Stuckert (1911-1986), feitas em meio às suas demandas profissionais tanto à frente do *Foto Stuckert* quanto como fotógrafo oficial do Estado, entre as décadas de 1940, 1950 e 1960 (STUCKERT FILHO, 2004).

Vale salientar que essa e outras famílias que atuavam no ramo naquela época foram fundamentais para a geração seguinte de fotógrafos paraibanos.

Os fotos [estabelecimentos comerciais] dos Stuckert, de Ariel Farias e J. Serrano Lyra foram os maiores responsáveis pela formação de novos profissionais que começavam muitas vezes como simples ajudantes de serviços gerais, passavam a auxiliar de laboratório e finalmente fotógrafos (LIRA, 1997, p. 157).

O relato de Manoel Clemente, portanto, é um caso desse modelo de formação da época. Ao tempo em que, ainda garoto, auxiliava Gilberto Stuckert, ele aprendia o ofício da profissão que iria exercer posteriormente. E mais, diante do cálculo entre o ano de nascimento do “auxiliar” e o período de atuação do “renomado fotógrafo”, concluímos que, de fato, ele tenha sido ajudante ainda menor de idade, na década de 1940, prática um tanto comum na época. A saber, pela sua data de nascimento, em 1950, Clemente completou 17 anos.

Sobre os equipamentos da época, identificamos que “o flash de pólvora ainda foi utilizado na Paraíba até o final da década de 40” (LIRA, 1997, p. 65), juntamente com a câmera de fole com chapas de vidro. Tecnologias que, provavelmente, fizeram parte da formação de Manoel Clemente diante do contexto vivenciado pelo jovem aprendiz.

Em meio às atividades de um “simples ajudante de serviços gerais” de fotógrafo, Clemente certamente colecionou alguns dos seus primeiros cliques, bem como outros conhecimentos caros à técnica fotográfica que extraiu daquele

⁵ Atualmente, um dos mais renomados fotógrafos da família é Ricardo Stuckert, tendo sido o fotógrafo oficial de Lula, desde 2003, e diretor de fotografia do documentário *Democracia em Vertigem* (Petra Costa, 2019).



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de novembro de 2022



legado hereditário. Inevitavelmente, quando lhe foi oportuno, ele galgou do cargo de ajudante para se tornar profissional.

O fotógrafo profissional

As demandas de trabalho para um profissional da fotografia sempre foram as mais diversificadas, até os dias de hoje. Cabe ao fotógrafo estar pronto ou não para os serviços que possam surgir ou, talvez, fazer suas escolhas diante das propostas recebidas, o que delineia a construção de uma identidade profissional na área.

Não sabemos ao certo sobre a diversidade dos tipos de serviço fotográfico prestados por Manoel Clemente como ajudante ou profissional. Mas, diríamos que, na década de 1950, ele já exercia sua carreira como um fotógrafo que aparenta ter tido notoriedade, tanto pela destreza quanto pelos relacionamentos sociais naquele ramo, pelo fato de, em 1962, ter sido convidado para exercer a função de assistente de fotografia do filme *Romeiros da Guia*, dirigido por Vladimir Carvalho e João Ramiro. Função que, de certa forma, demandava competência na área.

A partir de alguns depoimentos do cineasta Vladimir Carvalho, traçamos um panorama sobre sua experiência como fotojornalista nessa fase. Cabe lembrarmos, aqui, que a década de 1950 era de abundância nesse ramo devido ao crescimento do jornalismo impresso na Paraíba. Um dos comentários do cineasta aponta, mais precisamente, para as qualidades profissionais do fotógrafo com a fotografia fixa, justificando, com isso, um dos fatores que o levou para o campo da cinematografia de seus documentários: “Repórter fotográfico do jornal *A União*, Manuel Clemente tinha uma capacidade de síntese tal que as suas fotos, mesmo em qualidade inferior à dos colegas, davam sempre primeira página” (MATTOS, 2008, p. 116).

Para além do elogio, é preciso esclarecer que, na década de 1950, os jornais não utilizavam muitas fotografias em suas publicações e por isso “nenhum jornal dispunha de um fotógrafo exclusivamente para o trabalho fotográfico, sendo seus serviços solicitados quando o jornal julgasse necessário”



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de novembro de 2022



(LIRA, 1997, p. 181). Provavelmente, Manoel Clemente não era “do jornal *A União*”, como afirma o cineasta, mas sim prestador de serviços ou contratado pelo Estado para outras atividades de registro fotográfico, sendo, também, um fornecedor de imagens para ilustrar as reportagens oficiais do periódico estatal.

No depoimento prestado para José Marinho (1998, p. 192), Vladimir Carvalho, que escrevia para *A União* na década de 1950⁶, enaltece, mais uma vez, o virtuosismo do fotógrafo:

Manuel Clemente, o fotógrafo, era de uma precisão e economia providencialmente nordestinas. Eu descobri essa sua faceta vendo-o fotografar para o jornal oficial *A União*, da Paraíba. Ele acompanhava o Governador, e enquanto seus colegas davam cabo de rolos inteiros de filmes para conseguir a foto do homem, Clemente fazia o essencial com o mínimo, captava o momento preciso, em poucas chapas, discreto e sem atropelos" (MARINHO, 1998, p. 192).

Salvo a destreza, não fica claro, de fato, a qual governador ele se refere no depoimento. Porém, com o discurso seguinte, o cineasta nos ajuda a contextualizar essa temporalidade: “nos fins de tarde, baixava no Palácio e ficava vendo Clemente revelar e copiar no laboratório dos fundos as fotos de João Agripino para *A União*” (CARVALHO, 1978).

A gestão de João Agripino como governador da Paraíba foi de 1966 a 1971. Pelo que é dito, Clemente era um fotógrafo oficial do Governo ou um “fotógrafo palaciano” (CARNEIRO, 2016), como eram chamados os profissionais do Palácio⁷. Função essa também exercida, nessa época, pelo seu ex-professor Gilberto Stuckert, como dito anteriormente, e que, talvez, tenha sido importante como um facilitador da sua carreira nesse ramo. Dessa lógica, suas imagens provavelmente eram publicadas no jornal estatal. Entretanto, as imagens feitas

⁶ Durante a pesquisa, encontramos alguns textos dele publicados nas edições da referida década, disponibilizadas no arquivo digital online do jornal. Disponível em: www.auniao.pb.gov.br. Acessado em 10 de agosto de 2021.

⁷ Embora a publicação referenciada seja sobre os profissionais que exerceram este ofício, não há qualquer referência a Manoel Clemente. Não nos cabe, aqui, procurar a razão, mas apenas fazer esta ponderação, por julgar importante.



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de novembro de 2022



nesse percurso como fotojornalista e assessor do palácio nos apresenta uma dificuldade quanto ao resgate dessas memórias, pois, na época, os fotógrafos não eram devidamente creditados nas edições de jornal, nem tão pouco nos arquivos do palácio. Às vezes, eram citados no corpo do texto, de acordo com o repórter e o tipo de reportagem.

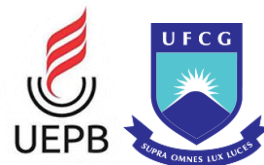
A prática de não creditação dos fotógrafos é algo que se atravessa numa estrutura piramidal em que o repórter fotográfico ocupa um lugar menor historicamente construído no processo jornalístico: abaixo do profissional do texto. Trata-se de um *status* marginal marcado por traços de desvalorização da profissão até os dias atuais, os quais reverberam no ensino superior de fotojornalismo no Brasil (AQUINO, 2021).

Observamos que, na década de 1960, os fotógrafos paraibanos vivenciavam “(...) uma época de equipamentos fotográficos inteiramente mecânicos” (LUZ, 2013, p. 11), como nos casos dos fotógrafos Alberto Ferreira com sua “Leica M3” (LUZ, 2013, p. 12) e Machado Bitencourt com sua “inseparável Nikon” (RODRIGUES, 2001, p. 142). De fato, a tecnologia já não era mais à base de pólvora. Câmeras SLR – *Single Lens Reflex* – já era uma realidade desde a década anterior. Marcas como a Nikon, Canon, Olympus e Pentax, por exemplo, despontaram no mercado mundial, se estabelecendo entre os repórteres fotográficos nos anos 1960. A Leica, inclusive, já não era novidade com suas câmeras portáteis e já fazia parte desse cotidiano desde um pouco antes⁸. Embora não fosse tão acessível financeiramente. Em suma, os equipamentos daquela época, na Paraíba, já eram mais leves, menores e de melhor qualidade, com flash acoplado à máquina, lentes intercambiáveis e filme negativo. Os registros a partir de então já possuíam um resultado mais definido. A portabilidade era ideal para uma atividade mais ágil, sobretudo quando voltada para o jornalismo.

⁸ A marca lançou os primeiros experimentos com o filme 35mm e se popularizou a partir do uso feito por fotógrafos de renome mundial. Disponível em: <https://redproducao.com/a-evolucao-das-cameras-fotograficas/>. Acessado em 09 de setembro de 2022.



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de novembro de 2022



A crítica social tomou conta da produção artística e midiática nacional, num movimento crescente de obras que versavam sobre os temas da desigualdade social, do subdesenvolvimento, das condições precárias de trabalho rural, da política autoritária e das tradições numa tentativa de abordar e mostrar os problemas do país ao próprio povo. Na Paraíba não seria tão diferente: “os fotógrafos vão se influenciar por esse sentimento de brasilidade, de descoberta do país e de sua realidade plena de desigualdades” (LIRA, 2013, p. 73). Nisso, a temática agrária permeou veementemente os mais diversos produtos narrativos realizados na época.

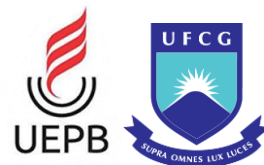
É curioso notarmos que as problemáticas a respeito do âmbito rural foram formuladas na mente do, ainda, auxiliar de fotógrafo por outras razões, noutra perspectiva, mas que, décadas depois, tornou-se, como ele disse, um repositório recuperado para a construção de uma significativa fase da sua carreira: a imersão na direção de fotografia de cinema com Vladimir Carvalho, pontualmente nos filmes *A bolandeira* (1968), *O país de São Saruê* (1970) – um filme lendário da cinematografia nacional – e *A pedra da riqueza* (1975), como discorreremos em nossos próprios estudos (ANDRADE, 2021; 2022).

O profissionalismo fotográfico teve êxito nessa fase, pois, além da projeção com o cinema, Manoel Clemente “ganha evidência nacional quando passa a trabalhar no setor de audiovisual do Instituto Nacional do Livro, tendo suas exposições e fotos divulgadas em jornais e revistas a partir dos anos 70” (RODRIGUES, 2001, p. 144). Pelo que encontramos, Clemente só teria participado de exposições coletivas de fotografia, até então. Além disso, não identificamos registros das atividades exercidas em tal cargo público e nem os jornais e revistas com suas fotografias.

Vale ressaltar que, nesse período, o INL foi um órgão que cresceu significativamente devido à política de subsídio do governo militar que, através dessa estratégia, aparelhou a instituição para controlar o setor de publicação do país de forma autoritária e beneficiar alguns empresários, conforme os interesses do regime. Por isso, foi um contexto de indicações de cargos, práticas



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de novembro de 2022



de censura e favorecimentos a determinadas empresas privadas do ramo (GALUCIO, 2018).

Um cargo no INL, nessa fase, provavelmente, lhe deu condições, pela garantia financeira, de desempenhar outras atividades fotográficas, bem como investir na sua capacitação pessoal. Nesse período, Manoel Clemente cursou o bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais na Universidade Federal da Paraíba, tendo concluído em 29 de dezembro 1979⁹. Mesmo sem nunca ter seguido a carreira profissional de advogado.

O ciclo que se vivenciou e se encerrou no final dos anos 1970 trouxe subsídios importantes para uma nova jornada profissional que se abriu para o fotógrafo na década seguinte: o ofício da docência.

O professor de fotografia

Logo depois de formado, aos 47 anos, Manoel Clemente da Penha tomou posse do cargo de professor da Universidade Federal da Paraíba, em 15 de fevereiro de 1980, durante a gestão do então reitor Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque¹⁰.

Na época, algumas pessoas eram convidadas a lecionar na instituição por notório saber, isto é, um tipo de distinção obtida pelo desempenho da atividade que exercia na sociedade, como no caso dele com a fotografia. Aos olhos de hoje, e sem insinuações, o argumento não deixa de soar como um subterfúgio usado na época para justificarem indicações para cargos desse tipo de instituição pública no Brasil do regime militar, sobretudo hoje quando temos consciência de que esse tipo de saber, embora tenha sua relevância, não é exatamente uma capacitação para o exercício da docência em nível superior.

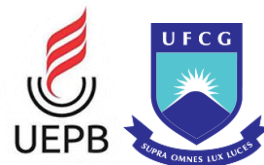
No Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPB, existia o Departamento de Arte e Comunicação, no qual funcionavam os cursos de Educação Artística e Comunicação Social – com as habilitações em Jornalismo

⁹ Conforme as informações do Núcleo de Documentos Pessoal e Informação da UFPB enviadas, para nós, através do e-mail ndpi@progep.ufpb.br.

¹⁰ Conforme as informações do Núcleo de Documentos Pessoal e Informação da UFPB enviadas, para nós, através do e-mail ndpi@progep.ufpb.br.



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de novembro de 2022



e Relações Públicas¹¹ –, para onde Manoel Clemente foi mandado a fim de suprir as demandas das áreas de fotografia e cinema, entendidas aqui através dos seguintes componentes curriculares da época: *Oficina de fotografia* e *Oficina de cinema*, as quais já existiam no currículo do curso quando ele adentrou na instituição. A partir de 1985 vieram: *Fotojornalismo*, *Telecinejornalismo* e *Fotografia para Relações Públicas*. Além das disciplinas optativas, especialmente num conjunto denominado de “agregado fotografia”. A saber, nesse agregado existia: *Laboratório Fotográfico*, *Técnicas, equipamentos e materiais fotográficos*, *Tópicos em Fotojornalismo*, *Reportagem Fotográfica*, *História da Fotografia*, *Oficina de Fotografia*, *Tópicos em Fotografia* e *Produtos Audiovisuais*¹². Não identificamos aqui quais foram exatamente os componentes curriculares ministrados por Manoel Clemente em períodos letivos específicos, não apenas pela insuficiência de dados, como também por compreendermos a dinâmica de distribuição dos componentes entre os docentes a cada semestre, o que pode ter o levado a lecionar um ou mais componentes curriculares diferente dos da sua área de atuação.

Após uma década de trabalho docente, Clemente deu entrada na sua licença capacitação para cursar o mestrado em Comunicação na Escola de Comunicação e Artes da USP, na capital paulista, orientado pela prof. Dra. Mary Enice Ramalho de Mendonça, tendo defendido sua dissertação em 20 de abril de 1993¹³. Lá, ele foi aluno do fotógrafo Thomaz Farkas¹⁴, o qual participou de sua banca de defesa.

Com o retorno à Paraíba e, conseqüentemente, a retomada das atividades na UFPB, Manoel Clemente apresentou, de 02 a 14 de outubro de

¹¹ As informações foram coletadas em documentos, como: Atas de reunião do conselho de centro e Resoluções das épocas. Disponibilizados para consulta no Arquivo Setorial do CCHLA.

¹² Baseado nas grades curriculares descritas nas Resoluções 09/1978 e 16/1985 do CONSEPE da UFPB.

¹³ Com base nas informações do repositório online de dissertações e teses da USP. Disponível em <https://repositorio.usp.br/item/000736803>. Acessado em 10 de julho de 2021. O trabalho se chama *Epopéia do sisal: filme documentário*, publicado, em 1998, como livro, pela editora da UFPB, como consta nas nossas referências aqui.

¹⁴ Oriundo de uma família de fotógrafos e herdeiro da empresa *Fotoptica*, de São Paulo, Farkas ganhou notoriedade tanto pelos trabalhos como repórter fotográfico quanto pelas atividades junto ao cinema. Ele é pai do diretor de fotografia Pedro Farkas.

1997, na Galeria Gamela, em João Pessoa, uma exposição fotográfica intitulada *Ornamento & forma da paisagem construída*. Conforme o fotógrafo, essa foi sua primeira exposição individual: “particpei de várias coletivas, mas nunca tinha encontrado disposição para trabalhar numa individual” (ANÍSIO, 1997), lembrando, aqui, a afirmação citada sobre a fase junto ao INL. Tratou-se, portanto, de um retorno à fotografia fixa com a estreia de sua exposição solo. Na ocasião, cerca de 50 imagens coloridas revelavam particularidades sobre os antigos casarões da capital paraibana, sintetizando para o público o jeito particular como os observa através de suas lentes.

Figura 1: anúncio da exposição na capa do jornal *Correio da Paraíba*



Fonte: jornal *Correio da Paraíba* de 2 de outubro de 1997.

Os jornalistas da época descreveram suas impressões diante das imagens fotográficas, sublinhando o impacto causado pelas relevâncias histórica e estética imprimidas pelo artista. No *Correio da Paraíba*, temos o seguinte: “Paisagens, belas paisagens. A sensação de passear pelas ruas do século passado” (MAGALHÃES, 1997). Já em *O Norte*, a síntese foi a seguinte: “com esse conjunto de fotografias, além de mostrar parte de seu talento e de sua



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de novembro de 2022



importância para a cultura do Estado, mostra com rara felicidade a riqueza arquitetônica pela qual muitas vezes passamos despercebidos” (ANÍSIO, 1997).

Alguns depoimentos do fotógrafo, descritos nas referidas matérias, são merecedores de destaque aqui, visando nossa abordagem de trajetória. Em *O Norte*, Manoel Clemente diz: “Desde criança andava com meu pai e ficava observando esses casarões” (ANÍSIO, 1997), como uma maneira de reverenciar algumas das memórias de onde partiram sua escolha temática e de como o exercício de formação do seu olhar fotográfico pode ser reconhecido na sua própria vivência, em suas memórias. O hábito de caminhar pela cidade, como prosseguiu na notícia, ainda perdurava até o período da exposição, elucidando, assim, o atravessamento da subjetividade artística em cada grão daquelas imagens expostas.

No *Correio da Paraíba*, o fotógrafo discorre sobre o infindável hábito de especular o cotidiano urbano: “observo com atenção as variadas formas de que se compõe a cidade do ponto de vista da arquitetura, da riqueza de detalhes da maioria das residências por onde tenho passado” (MAGALHÃES, 1997). Isso nos revela, não apenas outra vertente temática para além do trabalhador rural, mas também um traço de sua formação fotográfica sob a hipótese de ter havido outras atividades fotográficas por ele desenvolvida na sua fase profissional junto ao palácio do governo e o INL. Diante dessa relação com a arquitetura urbanista, arriscamos dizer, ainda, que é algo que, possivelmente, está incrustado no rigor geométrico de seus enquadramentos e composições fotográficas, característica analisada por nós a respeito de seu trabalho como diretor de fotografia em alguns filmes (ANDRADE, 2021).

Na ocasião, seu velho parceiro de cinema Vladimir Carvalho também escreveu um texto para o jornal local, mais uma vez marcado pelo estilo elogioso quando se refere ao fotógrafo: “Com seu poema fotográfico, Clemente se converte, merecidamente, num feliz e estimulante cronista **visual** de uma esquiva porém cativante João Pessoa, que precisava ser re-descoberta” (CARVALHO, 1997).



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de novembro de 2022



Enquanto isso na UFPB, o DAC já havia se dividido em dois departamentos, conforme as áreas dos cursos. O Departamento de Comunicação havia criado a habilitação de Radialismo¹⁵ e o curso de Turismo¹⁶, em 1997, tendo as primeiras turmas no ano seguinte. Com isso, o setor passou a ser chamado de DECOMTUR – Departamento de Comunicação e Turismo, onde ele permaneceu dando aulas de fotografia.

Na primeira grade da habilitação de Radialismo, existiam três componentes curriculares voltados ao campo da fotografia: *Fotografia I*, *Fotografia II* e *Tópicos em Fotografia*. Cursei, como aluno de Manoel Clemente, os dois últimos citados, nos períodos letivos 2000.2 e 2001.1¹⁷. Depois disso, passei a papear com ele, esporadicamente, sobre fotografia nos corredores da universidade enquanto ainda estava na graduação.

Seu vínculo institucional com a UFPB durou até o último instante permitido, tendo em vista sua aposentadoria compulsória em março de 2003¹⁸, aos 70 anos de idade.

Após o afastamento da atividade docente, testemunhamos sua presença nos espaços da UFPB, onde sou docente. Durante anos, o vimos perambulando, talvez, para rever velhos colegas de trabalho, participar de atividades acadêmicas, conhecer novos equipamentos de fotografia digital e, provavelmente, jogar um pouco de conversa fora. Ouvimos dele, nesses encontros casuais, que há anos tentava publicar um livro de fotografia através da universidade, mas que, até o presente texto, não havia conseguido.

Considerações Finais

A trajetória de Manoel Clemente com a fotografia fixa é um resgate historiográfico da fotografia na Paraíba, vista a partir de um recorte de memórias,

¹⁵ Resolução 08/97 do CONSUNI.

¹⁶ Resolução 09/97 do CONSUNI.

¹⁷ As informações estão no meu currículo acadêmico, disponível no SIGAA da UFPB, no qual consta meu histórico escolar de graduação. Minha matrícula era 19923340.

¹⁸ Conforme portaria n.322 de 28 de março de 2003, publicada em 31 de março de 2003. Visto na Página 26 da seção 2 do Diário Oficial da União de 28 de julho de 2010. Disponível em www.jusbrasil.com.br. Acesso em 23 de julho de 2021.



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de novembro de 2022



mais precisamente desse percurso trilhado por ele. Consideramos que isso possa ser tomada, também, como uma última lição passada por um velho professor de fotografia, sobretudo para pensarmos a respeito dos rumos que uma carreira como fotógrafo podem tomar. Diante do exposto, constatamos que Manoel Clemente fez um percurso profissional junto às instituições públicas governamentais, ocupando cargos em função das suas atividades fotográficas e seus relacionamentos para, paralelamente, desenvolver suas atividades artísticas. Trata-se de uma trajetória legítima, semelhante à de muitas pessoas de sua geração e das gerações seguintes, ligadas às atividades artísticas em geral, cujo percurso profissional consiste na conquista de uma forma de trabalho que garanta a vida financeira, seja no setor público ou privado, para, como isso, fazer sua arte.

Referências

ANDRADE, Matheus; FALCONE, Fernando. Manoel Clemente: memórias da direção de fotografia na Paraíba. In: XXIII ENCONTRO SOCINE. **Anais [...]**. São Paulo: Socine, 2020, p. 894-899.

ANDRADE, Matheus. As características plásticas do trabalho fotográfico de Manoel Clemente. In: **Cinematografia, expressão e pensamento**, v.2, 73-91, 2021.

ANDRADE, Matheus. **O esquecido fotógrafo de um filme lendário**. 2022. Disponível em <https://abcine.org.br/site/o-esquecido-fotografo-de-um-filme-lendario/>

ANÍSIO, Ricardo. Manuel Clemente: ornamento e forma da paisagem construída. **O Norte**, João Pessoa, 2 out. 1997, Caderno de Cultura, p.6.

AQUINO, Agda. Fotojornalista: o profissional marginalizado na legislação jornalística brasileira. In: **Âncora**, João Pessoa, ano 8, V.1, p.32-49, jan./jul. 2021.

CARVALHO, Vladimir. **A fotografia seca de Manuel Clemente ou o árduo ofício nordestino de retirar água de pedra**. João Pessoa: Almanac edição Funart/NAC/UFPB, 1978.

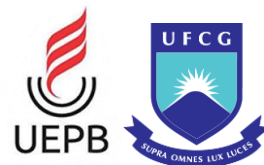
CARVALHO, Vladimir. Um olha sobre o Casario. **O Norte**, João Pessoa, 1 de out. de 1997, Caderno de Cultura, p.3.

CARNEIRO, Josélio. **Paraíba - governos em cena**. João Pessoa: A União, 2016.

GALUCIO, Andréa Lemos Xavier. **A política editorial do Instituto Nacional do Livro no regime militar**. 2018. Disponível em http://antigo.casaruiarbosa.gov.br/dados/DOC/palestras/Políticas_Culturais/II_Seminário_Internacional/FCRB_AndreaGalucio_A_politica_editorial_do_Instituto_Nacional_do_Livro_no_regime_militar.pdf



V Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
9 a 11 de novembro de 2022



LIRA, Bertrand de Souza. **Fotografia na Paraíba**: um inventário dos fotógrafos através do retrato (1850-1950). João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1997.

LIRA, Bertrand de Souza. Fiando o tempo com a luz. In: **Fotografia Paraibana Revista**, João Pessoa, v.1, p.70-78, 2013.

LUZ, Rita. Alberto Ferreira. In: **Fotografia Paraibana Revista**, João Pessoa, v.1, p.10-14, 2013.

MAGALHÃES, Augusto. Um olhar na história. **Correio da Paraíba**, João Pessoa, 2 out. 1997, Caderno 2, p.1.

MARINHO, José. **Dos homens e das pedras**: o ciclo do cinema documentário paraibano (1959-1979). Niterói, RJ: EDUFF, 1998.

MATTOS, Carlos Alberto. **Pedras na lua e pejeas no planalto**. São Paulo: Imprensa oficial, 2008.

PENHA, Manoel Clemente da. **A epopeia do sisal**: um filme documentário. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1998.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

RODRIGUES, Elinaldo. **A arte e os artista da Paraíba**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001.

STUCKERT FILHO, Gilberto Lyra. **Parahyba**: capital em fotos. 2ed. João Pessoa: F&A, 2004.